“Matando uma leoa por dia”: ideologia de gênero e de gênese na “cura” de travestis

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^o.*

RESUMO

O artigo apresenta uma breve cartografia sobre algumas das concepções teológicas / sexuais / generificadas (que podem ser entendidas como uma certa “ideologia de gênese”) de duas missões evangélicas paulistas que tem entre seus objetivos a “cura, restauração e libertação” de travestis, a *Comunidade Esperança Nova Aurora* (CENA) e a *Missão Salvação, Amor e Libertação* (SAL). Tal ideologia de gênese, por sua vez, tem se perpetuado a partir da difusão de um sofisma, a ideologia de gênero, também presente em tais compreensões de mundo. O trabalho se fundamentou em sintética observação participante na SAL e em entrevistas de história oral e possibilitou identificar superficialmente algumas das formas como se constituem tais missões e como elas atuam na “conversão de gênero” / “restauração” / “resgate” de travestis.

Palavras-chave: “cura e libertação” de travestis; Missão CENA e Missão SAL; história oral; gênero, sexualidade e religião; travestis e ex-travestis.

* Presidência da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR); Docente-visitante do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH/UFPB) e do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba (CCJ/UFPB); Pós-Doutorado em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2018); Pós-Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pós-Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP); Mestrado em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Coordenação da Fogo Editorial. E-mail: edumeinberg@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7589132071776933>

“KILLING A LIONESS A DAY”: IDEOLOGIES OF GENDER AND GENESIS IN THE “HEALING” OF TRAVESTIS

ABSTRACT

The paper presents a synthetic overview on the evangelical missions *Comunidade Evangélica Nova Aurora* (CENA) and *Salvação, Amor e Libertação* (SAL). The work was based on participant observation and oral history interviews, and enabled to identify, on the surface, some of the ways constitute such missions and how they act in “gender conversion”/ “restoration” / “rescue” of transvestites.

Keywords: ministries of “healing and deliverance” of transvestites; Missão CENA and Missão SAL; oral history; gender, sexuality and religion; transvestites and ex-transvestites.

“MATANDO UNA LEONA POR DÍA”: IDEOLOGÍAS DE GÉNERO E GÉNESIS EN LA “CURA” DE TRAVESTIS

RESÚMEN

Este artículo presenta una breve cartografía sobre algunas de las concepciones teológicas / sexuales / generalizadas de dos misiones evangélicas paulistas que tienen entre sus objetivos la “cura, restauración y liberación” de travestis, la *Comunidade Evangélica Nova Aurora* (CENA) y la *Salvação, Amor e Libertação* (SAL). El trabajo se fundamentó en observación participante y entrevistas de historia oral, y permitió identificar, superficialmente, algunas de las formas como se constituyen tales misiones y cómo ellas actúan en la “conversión de género” / “restauración” / “rescate” de travestis.

Palabras clave: “cura y liberación” de travestis; Missão CENA y Missão SAL; historia oral; género, sexualidad y religión; travestis y ex travestis.

A mulher não deverá usar um artigo masculino
e nem o homem se vestirá com roupas de mulher,
pois quem age assim é abominável a Iahweh teu Deus
Deuteronômio 22:5

Introdução

Apresento aqui uma breve cartografia sobre as concepções teológicas / sexuais / generificadas de duas missões evangélicas que tem entre seus objetivos a “cura, restauração e libertação” de travestis, a *Comunidade Esperança Nova Aurora* (CENA) de São Paulo (capital) e a *Missão Salvação, Amor e Libertação* (SAL) do ABC paulista. Tais concepções se vinculam a uma certa *ideologia de gênese* que comunga estreitamente com um *dispositivo da cisheteronorma* - ambas militando pelo fim da suposta “ideologia de gênero” e das pretensas consequências desta.

Este texto é produto de minha tese de Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (MARANHÃO F^o, 2014), realizada a partir do método que convencionei *etnografia-história oral ciborgue*, que em linhas gerais consiste na incorporação da história oral (que não deve ser entendida como sinônima de entrevistas) no trabalho etnográfico, sendo esse realizado tanto através do ciberespaço como fora dele (MARANHÃO F^o, 2014, 2016a). Foram entrevistadas para a tese pessoas que fizeram ou fazem parte da hierarquia da CENA e/ou da SAL como missionári@s, ex-missionári@s,¹ líderes e ex-líderes, e também pessoas que *transitaram* por essas missões e se identificaram como travestis, ex-travestis, ex-ex-travestis e em outras situações generificadas.

O texto está dividido da seguinte forma: após este introito apresento sinteticamente conceitos como “cura, restauração e libertação” de pessoas não-hétero e não-cisgêneras e *dispositivo da cisheteronorma*. Este, remetendo à relação entre Adão e sua auxiliar Eva, tem uma *fiel ajudadora*: a *ideologia de gênese* que tem perpetrado o sofisma da “ideologia de gênero”² para se perpetuar. Dispositivo da cisheteronorma e ideologia de gênese se vinculam, ainda, a determinados *regimes*

¹ Me refiro às pessoas missionárias e as pessoas ex-missionárias de “cura e libertação” de travestis com um @ para preservar o anonimato das mesmas. As duas únicas pessoas cujos nomes e sobrenomes são referidos no artigo são Paulo Cappelletti, fundador da Missão SAL, e Rouvanny Moura, fundador do ministério anônimo de “cura” de travestis da Missão SAL, por conta de ambos serem líderes da instituição, podendo ser considerados, assim, figuras públicas.

² Utilizo aspas neste trecho com finalidade irônica: não existe uma “ideologia de gênero” como pregada contemporaneamente por seus detratores, sendo a mesma uma falácia - bem como não há “cura, restauração e libertação” de gente não-hétero e não-cisgênera (cis), visto que não ser hétero e/ou não ser cis não consiste em doença.

de validação do crer religioso/sexual/generificado, como procurarei sinalizar. Na sequência, exponho um breve cenário sobre as missões mencionadas, destacando algumas das formas como estas concebem e tratam as (ex-) travestilidades. Ao final, teço reflexões *inconclusivas* sobre tais concepções relacionadas ao dispositivo da cisheteronorma / ideologia de gêneseis.

Matando leas ou safáris por corpos e almas de travestis

O objetivo de missões como a CENA e a SAL em relação às travestis é resumido na expressão *matar uma leoa por dia*. Como narrou um@ missionári@,

Nosso trabalho é fazer o joio se transformar em trigo, é ajudar a matar o velho homem. Sim, o velho homem, porque não é a velha mulher, né? *Traveco* é homem. Então não é matar a velha mulher mas o velho homem. É fazer renascer outro cara. Sim, é parecido com o AA, sim. É matar um leão por dia. Ou uma leoa, como eles acham né? Mas sem morte não tem renascer. Jesus mata o velho homem, salva e liberta (Missionári@ de “cura” de travestis A., entrevista a Maranhão Fº, 2014).

Tais missões *operam*, de alguma forma, *safáris por corpos e almas* de pessoas consideradas de algum modo o “inimigo” (ou que, numa lógica expressa no adágio “Deus ama o pecador mas odeia o pecado” carregam em si o inimigo / a doença / o pecado do “homossexualismo”). Tal concepção se fundamenta em um *dispositivo da cisheteronorma* que se associa a uma *ideologia de gêneseis* - como veremos adiante.

“Matar um leão por dia ou uma leoa” demonstra um pouco das concepções de quem procura *transformar joio em trigo*, “matar o velho homem” e “fazer renascer” no dia-a-dia “outros caras” que encontrariam-se “caídos no lamaçal e inferno do homossexualismo”.³ Tal relato apresenta noções refutáveis, como a de que travestis *são homens*, sendo que a maioria destas pessoas não se entendem desta forma, e que “estes caras” são homossexuais. Travestilidade e “homossexualismo” não são sinônimos: o primeiro termo diz respeito a uma *identidade / subjetividade de gênero* e o segundo (que deve ser repudiado pois o sufixo *ismo* pode denotar doença ou perversão) refere-se a uma *orientação sexual*.

³ MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS A., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

Há, inclusive, travestis que se identificam heterossexuais, homossexuais, bissexuais, assexuadas/os/es, polisssexuais e panssexuais, dentre outras formas, assim como pode ocorrer com pessoas de quaisquer identidades / subjetividades de gênero.

De todo modo, a fala apresenta uma naturalização da binariedade homem / mulher, a hierarquização entre heterossexualidade e homossexualidade, e a abjeção das identidades / subjetividades / sensibilidades de gênero e das orientações sexuais não hegemônicas, como a travestilidade e a homossexualidade, respectivamente. Concepções como essas relacionam-se a uma determinada *teologia cishet-psi-spi*, que se caracteriza pelo reforço da cisheteronormatividade hegemônica e a utilização de pressupostos das áreas psi e da batalha espiritual.⁴

Essa e outras narrativas escutadas demonstraram que as concepções de tais missões sobre transgêneridades, não-heterossexualidades e prostituição são de que essas coisas são resultado de "encosto" demoníaco, trauma psicológico e abuso sexual e/ou familiar, a ser corrigido através de batalha espiritual e cura, restauração e libertação, além de possível acompanhamento das áreas psi.⁵ Marcelo Tavares Natividade entende *cura, libertação e restauração sexual* da seguinte forma:

A primeira é alcançada em um processo, referido como *cura das memórias*, o que indica a influência de um discurso psicologizante na prática religiosa. Já a *libertação* toma como ponto de partida a noção de *posseção* e ensina uma prática ritual na qual fiel e pastor encenam *performances* de expulsão do mal. A categoria *restauração sexual* circunscreve um ideal a ser atingido: a adequação a um modelo de gênero condizente

⁴ Comentei anteriormente sobre tal teologia (MARANHÃO Fº, 2014, 2015b, 2015c).

⁵ Possivelmente o grupo precursor de coletivos como este foi o *Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC)*, fundado em 1976, em Curitiba. Dentre uma multiplicidade de ministérios evangélicos brasileiros com estes propósitos, destaco o *Movimento pela Sexualidade Sadia (MOSES)*, fundado em 1997, no Rio de Janeiro, por Sérgio Viula, João Luiz Santolin e Liane França. Muitos outros ministérios são célebres, como a *Associação Brasileira de Apoio aos que Voluntariamente Desejam Deixar a Homossexualidade (AB-RACEH)*, que mudou seu nome em 2011, para *Associação de Apoio ao Ser Humano e à Família*, iniciada em 2005, no Rio de Janeiro, por Rozângela Alves Justino, o *Ministério Gileade*, associado à neopentecostal Igreja Batista da Lagoinha, de Belo Horizonte-MG, um dos ministérios de cura e libertação de homossexuais mais conhecidos entre @s evangélic@s brasileiro@s, ainda que não se midiaticem com potência na *internet*, o *Visão Nacional para a Consciência Cristã (VINACC)* de Campina Grande, e o *Ministério Êxodus Brasil*, fundado em 2002 e que apoia diversos ministérios de recuperação de homossexuais, dentre eles o *Filhos da Esperança*, fundado em São Paulo pelo pastor Denis Ferreira.

com o ideal de homem e mulher de Deus. Parto dessa classificação mais geral para a análise dos discursos sobre a *cura* da homossexualidade.⁶

Como observei anteriormente (MARANHÃO Fº, 2014, 2017b), para além das homossexualidades essa classificação pode abranger outros públicos remetentes às não- heterossexualidades/afetividades e às não-cisgenderidades - e neste segundo caso ressaltam-se as travestis, constantes alvos das missões que pregam “cura, restauração e libertação”. Tais concepções fundamentam-se em um determinado *dispositivo da cisheteronormatividade* que se relaciona a dados *regimes de validação do crer religioso/sexual/generificado* e à *ideologia de gênese*.

Dispositivo da cisheteronorma, ideologia de gênese e regimes de validação do crer generificado/sexual

Gilles Deleuze explica que, para Michel Foucault, dispositivo é “uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear”⁷, e nas palavras do próprio Foucault, trata-se de

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo, o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.⁸

Nesse sentido, o dispositivo descreve e prescreve / *normaliza* e *normatiza* as relações entre as pessoas, as estruturando de forma hierarquizada: provê fundamento ao saber e ao poder nas relações culturais-sócio-políticas, dando potência aos privilégios de um grupo (homens brancos, cisgêneros, heterossexuais, sem deficiências, natos no sul/sudeste do país e de elite sócio econômica e acadêmica, por exemplo) em detrimento de outros coletivos (travestis negras, prostitutas, quimbandistas, lésbicas, deficientes, nordestinas e analfabetas, por exemplo). Nessa esteira, o dispositivo da sexualidade para Foucault, “tem, como razão de ser, não reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar,

⁶ NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, 2006, p. 123.

⁷ DELEUZE, Gilles, et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155.

⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000, p. 244.

penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global"⁹. À reboque do entendimento foucaultiano sobre dispositivo, a psicanalista e socióloga transgênera Leticia Lanz explica que o *dispositivo binário de gênero* é aquele "que determina o enquadramento das pessoas em um dos dois gêneros oficialmente reconhecidos – homem e mulher, ou masculino e feminino, em função do órgão sexual que elas trazem entre as pernas ao nascer"¹⁰.

Na mesma linha de compreensão, podemos pensar um *dispositivo da cisnorma binária de gênero* como a rede de conexões entre dizeres/fazer, saberes e poderes que enraiza as concepções sociais mais generalizadas acerca de gênero e que prescreve a cisgêneridade como a norma a ser seguida. Tal dispositivo atua como "panela de opressão" de pessoas que não se sentem contempladas com as convenções sociais referentes ao sistema sexo-gênero que lhes foi outorgado ao nascerem: essas pessoas vão sendo continuamente "cozidas" nesta "panela" temperada pelas normas e expectativas cisgêneras até se mesclarem ao "caldo" cisgênero socialmente esperado ou explodirem: saírem do armário-panela e perceberem-se como pessoas não-cisgêneras. Ainda hoje muitas pessoas entendem como indigesta a presença de uma pessoa não-cisgênera / transgênera na mesa de banquete que é a vida - e é a partir do dispositivo da cisnorma que as chamadas missões de "cura, restauração e libertação" procuram fazer com que pessoas "voltem para a panela"¹¹ ou se "rearmarizem". O dispositivo da cisnorma costuma se relacionar ao *dispositivo da heteronormatividade*, quando se concebe que a heterossexualidade deve ser a norma de conduta (per)seguida.

Estes dispositivos se imbricam no *dispositivo da cisheteronormatividade* ou da *cisheteronorma*, responsável pela intolerância a pessoas

⁹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, vol. 1. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 100.

¹⁰ LANZ, Leticia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 342 p., 2014, p. 245.

¹¹ Tomando uma certa licença poética, cada pessoa é que deve saber a dor (do cozimento) e a delícia de ser quem se é e como se é. Mesmo que nem sempre se consiga temperar a existência com tudo que se quer, só a pessoa pode definir se quer sua vida crua, cozida ou *assim assada*. Se não for assim está "todo mundo frito".

não-cisgêneras e a pessoas não-hétero.¹² Tal maquinaria ideológica é composta por uma série de normas e convenções que preceituam, (des/re)orientam, ordenam e decretam peremptoriamente as trilhas sexuais e de gênero que devem ser percorridas e quais devem ser deixadas para trás. Este *kit* doutrinário abrange ideias, discursos e ações que interpelam, descrevem e prescrevem padrões que visam nublar e/ou eliminar prismas divergentes; que corroboram paradigmas, protótipos e arquétipos que classificam hierarquicamente quem encontra-se ou não em uma grade de plausibilidade sexual e de gênero; que afetam e (inter)ferem negativamente na sensibilidade das pessoas que não tem uma subjetividade/identidade/orientação considerada legível e legítima pelo dispositivo; e que veiculam o preconceito, discriminação, intolerância e violência a mulheres consideradas insubmissas e pessoas que não são nem heterossexuais / heteroafetivas e nem cisgêneras.

Este dispositivo pode ser relacionado aos *regimes de validação do crer religioso* propostos por Danielle Hervieu-Léger ao notar a mobilidade religiosa contemporânea (2008): *autovalidação do crer*, *validação mútua do crer*, *validação comunitária do crer* e *regime institucional da validação do crer*. O primeiro regime seria o de autovalidação do crer, em que “o sujeito reconhece apenas para si mesmo a capacidade de atestar a verdade da sua crença”.¹⁴ É na interlocução que se estrutura o universo de sentidos pessoal e coletivo¹⁵, proporcionando, assim, uma migração da autovalidação do crer para a validação mútua do crer. Neste regime, “quando participa dos encontros de um círculo espiritual com afinidades, o grupo lhe oferece o apoio de um dispositivo de “compreensão mútua” a serviço de cada um dos membros”¹³. O regime de validação mútua do crer se diferencia do regime de validação comunitária do crer, em que “a coesão comunitária testemunha, para cada um, a verdade do crer comum”, e em que

¹² Certamente, há outros dispositivos sociais que içam concepções e atitudes discriminatórias, como o dispositivo de raça/etnia, de classe, de capacidade física/mental, de regionalismo, e daí por diante – e como não falar de um certo *dispositivo religioso* com suas especificidades como o *dispositivo religioso católico e/o evangélico*, por exemplo? Nesse caso, tratam-se de teias de saberes e poderes responsáveis por arquitetarem concepções e comportamentos a serem seguidos dentro de determinados cânones, se inter-relacionando com os dispositivos acima citados.

¹³ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 160.

crentes convictos assumem certezas partilhadas em formas comuns de organização da vida cotidiana e de ação no mundo. É em um modo de vida fundado inteiramente sobre princípios religiosos que se atesta a pertinência das crenças.¹⁴

Hervieu-Léger ainda comenta sobre um regime institucional da validação do crer, "realizado por instâncias garantidoras da linhagem de fé", em que "o tipo de organização do poder de cada tradição varia" e "autoridades religiosas reconhecidas (padres, rabinos, irmãs, etc.) definem as regras que são, para os indivíduos, os sinais estáveis da conformidade da crença e da prática". A autora lembra que isto não invalida que existam no interior de uma dada instituição diferentes "regimes de validação comunitária do crer correspondente ao desejo dos grupos particulares de viver sua fé de maneira intensa"¹⁵. Hervieu-Léger utiliza tais conceitos para pensar o universo religioso, mas é possível que os mesmos sejam apropriados para pensarmos gênero e sexualidade (dentre outros marcadores possíveis). Assim, é possível conjecturarmos *regimes de validação do crer sexual e generificado*.

É plausível que esses regimes de validação ainda se relacionem com os *modos de subjetivação* que Foucault observa, que se associariam a "modos de objetivação do sujeito, isto é, modos em que o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e de poder", em que "os modos de subjetivação e de objetivação não são independentes uns dos outros; seu desenvolvimento é mútuo"¹⁶. Tais modos de subjetivação, dispositivos e regimes de validação do crer (generificado/religioso/sexual, dentre outros) se relacionam com as concepções que naturalizam a cisnormatividade e a heteronormatividade e normatizam/repudiam as transgeneridades e as homossexualidades / homoafetividades (ou outras orientações não hétero) se conectando com a demonização / pecadologização / psiquiatrização das subjetividades transgêneras.

O dispositivo da cisheteronormatividade pode ser ainda associado, em um contexto religioso evangélico e católico, a uma *ideologia de gênese*. Tal termo tem sido percebido em narrativas de gente católica

¹⁴ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*, 2008, p. 160.

¹⁵ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*, 2008, p. 160.

¹⁶ CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 408.

e evangélica como contraponto à (sofismática) ideologia de gênero, conforme se identifica na postagem internética do Pastor Adir Eleotério de Almeida (Igreja Metodista de Medina / Minas Gerais):

nesta proposta “Ideológica”, Deus cria a mulher e ordena o casal: “Sede férteis e multiplicai-vos”! Povoai e sujeitai toda a terra. Gênesis 1.28... *Deus, portanto, criou os seres humanos à sua imagem, à imagem de Deus os criou: MACHO E FÊMEA OS CRIOU* (Gênesis 1.27). Esta é a *IDEOLOGIA DE GÊNESIS* (ALMEIDA, itálico e caixa alta do pastor-autor).

A ideologia de gênesis que subjaz o dispositivo da cisheteronorma possui como *mito fundante*¹⁷ a ideia de que “Deus criou macho e fêmea”, concebendo o sexo-gênero masculino como hierarquicamente superior ao feminino, conforme Gênesis 2:18-24¹⁸ (a mulher veio da costela do homem para servir-lhe de auxiliadora), 1 Coríntios 11:9 (tendo sido criada para servir ao homem) e 1 Coríntios 11:3; Efésios 5:22-23 (e como esposa deve se submeter ao marido, “cabeça da relação”, “cabeça e chefe da mulher”). É possível pensarmos que, assim como Eva brotou da costela de Adão para servir-lhe como auxiliar, a ideologia de gênesis serve ao dispositivo da cisheteronorma como *santa auxiliadora*, dotando o mesmo de credibilidade e *eficácia simbólica e performativa*¹⁹. Além disso, a ideologia de gênesis tem como prerrogativa o combate à suposta “ideologia de gênero”. Mas afinal, o que seria a (falaciosa) ideologia de gênero?

¹⁷ Cf. CHAUÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

¹⁸ Gênesis 2.18: “Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma adjutora que esteja como diante dele’”. Gênesis 2. 20: “E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo animal do campo; mas para o homem não se achava adjutora que estivesse como diante dele”. Gênesis 2.21: “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu, tomou uma de suas costelas, e colocou carne no seu lugar”. Gênesis 2.22: “Então da costela que o senhor Deus tomou ao varão, formou a mulher, e trouxe ao varão”. Gênesis 2.23: “E disse Adão: esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada”. Gênesis 2.24: “Portanto deixará o homem a seu pai e sua mãe e unir-se-á a sua mulher, e serão os dois uma só carne”.

¹⁹ Cf. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas (o que falar quer dizer)*. São Paulo: EDUSP, 1996.

O termo *ideologia de gênero*²⁰ é identificado em documentos oficiais eclesiásticos desde a Conferência Episcopal do Peru (1998), como demonstram Sandra Duarte de Souza (2014 e 2018), Maria José Rosado-Nunes (2014 e 2015) e Fernanda Coelho (2016)²¹. O termo²² se celebrou por conta de líderes evangélicos como Marco Feliciano, Júlio Severo e Silas Malafaia e católicos como o deputado federal Jair Messias Bolsonaro e o Padre Paulo Ricardo. Tais indivíduos tem em comum a resistência a assuntos como equidade de gênero e a questões que envolvam sexualidade, como por exemplo aborto e masturbação. Foi no âmbito das discussões relacionadas ao Plano Nacional de Educação (PNE), que tramitou no Congresso Nacional desde 2010 e recebeu sanção da Presidenta Dilma Rousseff em 25 de junho de 2014 que o termo adquiriu maior popularidade. Sua difusão ocorreu durante os esforços de inclusão de uma diretriz no PNE relacionada à superação de desigualdades educacionais “com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”.²³ Uma potente campanha foi instigada através da *internet* por setores religiosos reacionários evangélicos e católicos com o fito de retirar essa diretriz do PNE.

Como exemplifica Souza (2014), para tais setores, essa ideologia seria promovida pelo feminismo, “o maior inimigo das mulheres”²⁴,

²⁰ Sobre o assunto, além das autoras referenciadas no texto, leia por exemplo: Fernanda COELHO, Náira SANTOS, 2016; Sara GARBAGNOLI, Massimo PREARO, 2017; Toni REIS, Edla EGGERT, 2017; Odair de SOUZA, 2016; Odair de SOUZA, Eduardo MARANHÃO Fº, 2018.

²¹ Coelho comenta que o documento “se utiliza de argumentos que desconstruem gênero e conformam uma ideologia por meio da distorção de trechos que evocam verdades sobre a natureza humana e a família natural” (COELHO, 2016, p. 10). Destaco: A dissertação de mestrado de Fernanda Coelho (2017), sobre ideologia de gênero, foi agraciada em 2018 com o primeiro lugar no Prêmio ABHR de Teses, Dissertações e TCCs, realizado durante o 3. Simpósio Internacional / 16. Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR).

²² O termo ideologia de gênero foi utilizado posteriormente em meio acadêmico por Heleieth Saffioti (2004), socióloga brasileira que entendia que em uma sociedade patriarcal os homens procuram fazer as mulheres acreditarem que a desigualdade (não a diferença, mas a desigualdade) de gêneros era natural. Tal concepção não é em nada semelhante à ideologia de gênero citada na Conferência Episcopal do Peru ou pelas pessoas que a celebraram como (pre)tenso promotora de pedofilia, aborto, estupro, zoofilia, etc.

²³ PLC 103/2012 - BRASIL, 2012.

²⁴ RICARDO, Paulo *apud* SOUZA, Sandra Duarte de. “Não a ideologia de gênero!”. A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. *Estudos de religião*. Vol. 28. nº 2, 2014.

e de acordo com Dom Antônio Keller,²⁵ “estão abertas as portas para as já conhecidas “opções sexuais” possíveis, bem como para qualquer outro tipo de opção, como por exemplo a zoofilia, a pedofilia e o que se quiser criar”, fazendo com que a sociedade esteja

fundada na mais absoluta permissividade sexual, já que a cada um caberá estabelecer seu próprio gênero, segundo as tendências homossexuais, transexuais, bissexuais ou outras”, sendo que “os chamados ‘kits’ gays, bissexuais, transexuais, etc. deverão tornar-se obrigatórios, para a superação da discriminação.”²⁶

A “ideologia de gênero”, como supõem os detratores da igualdade de gênero, serviria para proporcionar a homossexualidade, a promiscuidade, a “mudança de sexo” (inclusive em menores de idade), o aborto, o estupro, a pedofilia e a zoofilia, desrespeitando a ordem divina. Argumentos como esses, que demonizam as pessoas que pesquisam gênero e que atuam em prol da igualdade e justiça de gênero, apelam para o “fim da família natural”, apostando na instauração de um caos e pânico social, e todo mundo sabe que caos e pânico social podem levar a mais preconceito, discriminação, intolerância e violência. Neste sentido, Coelho observa que “ao conclamarem a família brasileira, sempre entendida em sua configuração biologizante” formada por macho e fêmea, o discurso religioso deslegitima outras identidades de gênero e orientações sexuais e aciona “pânicos morais na população brasileira, reforçando os códigos de sentido desta em oposição às *ameaças* à identidade brasileira e, por conseguinte, à ordem e ao bem comum”²⁷. Tal possibilidade de dissolução familiar, como nota Tainah Biela Dias, remeteria ainda ao temor do fim da espécie humana, visto que “neste

²⁵ Em um relato mais contemporâneo, para Dom Antônio Augusto, dentre outros, há estratégias para que “iniciativas culturais, legislativas, judiciárias, em favor da descriminalização do aborto e da manipulação ideológica das mentes infantis e jovens, tenham um raio de ação mais amplo na nossa sociedade” (PASTORAL DA SAÚDE RIO, 2017).

²⁶ SOUZA, Sandra Duarte de. “Não a ideologia de gênero!”. A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. *Estudos de religião*. Vol. 28. nº 2, 2014.

²⁷ COELHO, Fernanda Marina Feitosa. Ideologia de gênero: os porquês e suas consequências no contexto do plano nacional de educação Brasileiro 2014-2024. *Mandrágora*, v.23. n. 2, p. 247-279, 2017, p. 275.

imaginário religioso, somente a reprodução biológica fruto da relação sexual entre um homem e uma mulher é compreendida como legítima”.²⁸

Para o dispositivo da cisheteronorma que comunga com a ideologia de gênero - e que milita contra a suposta ideologia de gênero, as pessoas que passaram por uma “mudança de sexo” ou “que se vestem como no sexo oposto”, podem ser alvo de “cura, restauração e libertação”. Pessoas transgêneras / não-cisgêneras, que não se sentem adequadas ao sistema sexo-gênero outorgado no nascimento ou gestação, bem como às normas, convenções e expectativas referentes a tal sistema, não são consideradas boas peregrinas no caminho desejado por Deus. Tais pessoas desviantes precisam “entrar em obras” e “corrigir seus passos” afim de serem salvas. Alguns dos ambientes evangélicos que se dispõem a efetuar tais serviços de retificação de desvios de gênero são as missões de “cura, restauração e libertação”. Conheçamos duas delas a seguir, a CENA e a SAL.

Breve cenário sobre a CENA

Imagem: *link Travestis* do site da CENA

A *Comunidade Evangélica Nova Esperança* (CENA) é uma missão interdenominacional que de acordo com seu *site*,

tem por objetivo alcançar as pessoas que vivem na “boca do lixo” com o evangelho de Cristo desde 1987. A Missão CENA atende a população

²⁸ DIAS, Tainah Biela. A defesa da *família tradicional* e a perpetuação dos papéis de gênero *naturalizados*. *Mandrágora*, v.23, n.1, p. 49-70, 2017, p. 65.

em situação de rua, crianças em situação de risco, travestis, garotas de programa, albergados (no inverno), presta atendimento jurídico e grupo de apoio para dependentes químico (sic) na base da missão que está localizada no centro de São Paulo, área conhecida como “Cracolândia”. O trabalho da Missão CENA é hoje um dos mais completos em termos de resgate, recuperação e reintegração de pessoas excluídas da sociedade, isso devido a pessoas que acreditaram no poder transformador de Deus e de Sua Palavra, doando seu tempo e até mesmo seus recursos pelo que acreditavam.²⁹

Naira Pinheiro dos Santos, comentando sobre a CENA e outras organizações evangélicas de apoio à pessoas em situação de rua, contempla que “os contextos ou condições sociais a partir dos quais se delineiam as situações de rua são fortemente atravessados por questões de gênero”³⁰, e nesse sentido, como me explicou um @ ex-missionári@,

a Cena tem como finalidade ajudar pessoas a saírem das ruas e dos vícios e é uma missão que possui uma igreja (também chamada de CENA), ambas criadas para receber pessoas que outras igrejas não queriam: travestis, homossexuais (tinha a separação entre travestis e homossexuais... nem todo homossexual é considerado travesti, mas todo travesti é considerado homossexual), garotas de programa, moradores de rua, crianças de rua...³¹

De acordo com seu *site* oficial, a instituição entrou em *cena* em um contexto social “onde prostitutas, travestis, menores abandonados, mendigos e moradores de rua são vistos com desprezo e preconceito pela sociedade” e fundado na Borracharia 5 Esquinas:

²⁹ Nossa missão. *Site* da CENA, 2016.

³⁰ A autora infere que, apesar de haver essa relação estreita, “as correlações entre desigualdades de gênero e situações de risco nem sempre são claramente identificadas ou inteiramente apreendidas” pelas pessoas que atuam em tais ministérios. Cf. SANTOS, Naira Pinheiro dos. “O privado é político”: família e situação de rua no contexto de atuação de instituições evangélicas de assistência social na região centro de São Paulo. **Estudos de Religião**, v. 30, n. 1, p. 165-188, 2016, p. 186.

³¹ EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS A., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

Imagem: Borracharia 5 Esquinas e histórico da CENA (*site da CENA*)

Borracharia 5 Esquinas

O dono da “Borracharia 5 Esquinas” (João Peres, na época membro da Igreja Batista da Vila Prudente), localizada na Rua Aurora no Centro de São Paulo, convida o seu pastor (Nivaldo Nassiff) para realizar um culto nessa borracharia. O motivo disso é que ali havia sido um centro de Macumba. Ao realizar o culto, Nassiff se sensibiliza pelo fato da região ser carente de um trabalho com marginalizados, tais como prostitutas, travestis, crianças de rua, entre outros.

Como observamos no histórico da CENA, seu primeiro culto (em 1987), realizado pelo pastor Nivaldo Nassiff, ocorreu pois a borracharia havia sido anteriormente “um centro de Macumba”, o que se conecta a diversas falas que escutei, que demonizavam as religiões de matriz afro-brasileira ou africana. Além disso, de acordo com um@ex-missionári@,

tudo começou numa borracharia velha lá da boca do lixo, na rua Aurora, que é ponto de prostituição, tráfico e tudo mais. Depois passou lá pra General Osório. Tinha cultos alguns dias à noite pro pessoal da região, travesti, gay, viciado e prostituta. Com o tempo fomos oferecendo local pra banho, alimentação e em alguns casos dávamos roupas. Tinha quem dormia ali do lado de fora. Não tínhamos cama mas o pessoal dormia ali fora, porque era mais seguro que na rua mesmo. Depois que foi criada a Fazenda Nova Aurora de Jquitiba, que você perguntou. Depois foi criada a Casa Família que acolhia o pessoal que não ia pra Fazenda ou então

que saía da Fazenda e não tinha onde ir. Nos dois lugares o procedimento era de recolher a documentação do sobranse enquanto ele tava lá. Sim, cortávamos o cabelo deles com máquina zero ou um e dávamos a roupa de homem no caso dos travestis. Eram chamados só pelo nome de homem. A Casa Família era chefiada por uma família de missionários da CENA. Uma coisa que o Paulo Cappelletti sempre falava era que fazia parte de pregar o Evangelho com palavras e com atitudes dentro e fora da Casa e que pregar o Evangelho podia ser perigoso mas que devia ser pregado mesmo com risco de morte.³²

Como est@ ex-missionári@ frisou, “um dos trabalhos de ponta da CENA era com os travestis do centro da cidade através do Ministério com Travestis, que foi oficializado em 89”,³³ e complementou: “um dos líderes que iniciaram a CENA e deu força ao trabalho com os travestis foi o Paulo Cappelletti, conhecido no centro como *Pastor Macarrão*, e que fundou a SAL depois”.³⁴ Um@ terceir@ ex-missionári@ comentou sobre o funcionamento do ambiente,

cada dia da semana era atendido um grupo. Segunda era o grupo das pessoas que estavam em prédios invadidos. Terça, dia das garotas de programa. Quarta, população de rua, quando comiam e iam tomar banho... neste dia todos missionários participavam e atendiam todo mundo (travestis, prostitutas, crianças de rua, de bebês a pessoas até oitenta anos, todo mundo...). Quinta eram as crianças que chamávamos de pré-rua, as que tinham famílias desestruturadas e sexta população de rua de novo. Eu ia trabalhar três a quatro vezes por semana.³⁵

@ mesm@ trabalhou diretamente com a população travesti:

quando eu estava na sede recebia travestis. Desde o início recebíamos instruções bem específicas para o tratamento com os travestis. A principal

32 EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS A., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

33 Segundo @s ex-missionári@s, as travestis recebiam o primeiro contato com os líderes da CENA na época, Cappelletti e João Carlos, e com missionári@s, geralmente homens, que trabalhavam nesta área. Até 2006, “quem conduzia o evangelismo com os trans era o João Carlos, que é o atual coordenador da CENA. O Cappelletti foi o fundador da CENA e diretor. Ficou anos na direção, mas se afastou pra criar a SAL. Quando o Cappelletti saiu da CENA o João assumiu a direção. Depois que criou a SAL com outras pessoas começou a pegar firme no evangelismo de travesti (EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS A., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014)”.

34 Idem, 2014.

35 EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS B., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

regra era a de sempre tratá-los com o nome do RG, mesmo que eles não quisessem (essa atitude tinha como objetivo lembrá-los quem “realmente” são, ou seja, “homens” né).³⁶

E explicou: “a questão do RG é assim, o que vale é o de nascimento, a identidade sonhada ou desejada não importa”.³⁷ Como observamos no *site* da CENA, o Ministério com Travestis é

desenvolvido a longo prazo, inicialmente é preciso conquistar a confiança e através da amizade o evangelho é anunciado. São realizadas visitas segundas e quartas em suas casas onde oramos juntos e conversamos sobre o dia a dia fortalecendo os laços de amizade. E também nas ruas durante a noite, todas quartas e quintas alcançando a rua Casper Líbero (próximo à estação de trem Luz), Rua Vitória e Rego Freitas. Na base da missão oferecemos um apoio social quando necessário, auxílio na regularização de documentos e acompanhamento hospitalar.³⁸

@ ex-missionári@ argumentou: “tentávamos regularizar a questão de documentos, mas sempre o documento de batismo. Nem se cogitava ajudar a conseguir documentos da identidade de travesti ou transexual, não”.³⁹ E complementou:

fazíamos evangelismo à noite na Cracolândia e passávamos pelos locais de trabalho dos trans, como portas de hotéis, por exemplo. Tentávamos um vínculo de amizade através de conversas informais para depois levar para a CENA. Mesmo tendo um número grande de pessoas trans no centro, as que procuravam ajuda era uma parcela pequena e quando o faziam o principal pedido era em relação aos vícios de álcool e *crack*. Alguns travestis, as mais pobres, procuravam a Sede da CENA para tomar banho e almoçarem ou jantarem. Na época, a CENA abria 4ª e 6ª pra atender a população de rua e oferecer banho e almoço (ou jantar). Oferecer local pra banho e refeições era um meio de dizer que nós estávamos ali pra ajudá-los. Chamar eles.⁴⁰

Além da sede, havia (e ainda há) uma fazenda de recuperação:

³⁶ Idem, 2014.

³⁷ Ibidem, 2014.

³⁸ Ministério com Travestis. *Site* da CENA, 2016.

³⁹ Ibidem, 2014.

⁴⁰ Ibidem, 2014.

a maioria procurava a CENA para irem para a casa de apoio, na Fazenda de Juquitiba, e serem curados de vícios como *crack* e álcool. Não iam para se tratarem da homossexualidade. Mas chegando lá, ou antes mesmo, na Sede, quando falavam “não vim pra tratar a homossexualidade” ou “não vim pra deixar de ser travesti, vim me recuperar do *crack*”, eles já ouviam de imediato que não tinha esta separação, e que eles seriam tratados de tudo... do *crack*, do álcool, da homossexualidade... que eram vícios semelhantes. Na Fazenda eles tinham atendimento psicológico. E a frase principal que eles ouviam era “você não são homossexuais, você *está*”. Isto quer dizer que eles poderiam mudar, que isto não era a essência deles, que eles podiam voltar a ser homens. A psicóloga na época era a Valéria, que era seguidora da Rosângela Justino. Ambas têm como especialidade a conversão de homossexuais. Numa das palestras que a Justino deu na Sede, que eu fui, lembro que a homossexualidade sempre tinha como causa o abuso sexual. Mas eu ouvi de um monte de travestis que eles nunca sofreram abuso.⁴¹

Tal ex-missionári@ indicou outras pessoas que já haviam atuado na “cura, restauração e libertação” de travestis, inclusive algumas que já haviam trabalhado nessa fazenda. Também me apresentou a pessoas que passaram pela fazenda como *sobrantes* (expressão utilizada por essas missões para se referir às travestis e demais pessoas atendidas). Uma delas narrou:

eu escolhi morar na fazenda. Lá eu estava protegido da violência no centro. No centro eu tinha cafetina que cuidava da rua e cafetina que cuidava da casa que eu dormia. E o craque. Uó. Lá na fazenda eu fui prá recuperar dos vícios, dos dois né (risos), do homossexualismo e da pedra. Homossexualismo travesti. Acontece que na fazenda eu também trabalhava muito. Demais. Ninguém fica de graça em lugar nenhum né. Estes lugares evangélicos funcionam como cafetões também. Cafetões evangélicos. Mas nunca mais voltei a ser travesti. Cracolândia não mais.⁴²

Outra pessoa que residiu no local, entrevistada pelo Facebook, disse:

acho que foi bom, me recuperou sim. Quer dizer, sei que nunca vou poder ser mulher. Nunca vou ter vagina. Nunca vou gerar filhos do meu ventre. Como posso ser mulher? Mas eu não deixei de ter atração não.

⁴¹ EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS C., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁴² EX-TRAVESTI A., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

Por homens. Mas controlo. Se um dia aparecer uma varoa... mas acho difícil (risos).⁴³

Um@ ex-missionári@ que trabalhou na Fazenda de Jucituba narrou: “eu trabalhei lá três anos. Chamam lá de casa de apoio. Também chamam casa de recuperação, mas casa de recuperação tem de ter médicos e lá não tem.”⁴⁴ Indaguei sobre o processo de ida de missionári@s para o local: “os missionários passavam por estágios. Em geral na sede no centro, depois mais alguns meses na Casa Família de Santo André. Há duas, uma é do Cappelletti”, completando

a Casa Família é a casa que recebe as pessoas que se “recuperaram”, entre aspas porque ninguém se recupera definitivamente de nenhum vício nem de nada. Quem é viciado sempre será viciado e quem é homossexual será sempre homossexual, e homossexualidade não é vício. Na época eu achava que era. Vício, pecado e do demônio.⁴⁵

Perguntei se haviam normas na fazenda:

regras quando os travestis chegam na Fazenda Nova Aurora, também chamada de Fazenda de Jucituba: Antes de chegarem, já são tratados com o nome masculino, de registro. Era proibido que os travestis, ao conversarem entre si, chamassem um ao outro pelo nome feminino. Eles eram corrigidos na hora quando chamavam a eles mesmos ou a outros com o nome de rua. Antes de chegarem à Fazenda, tinham seus cabelos cortados na Sede com máquina um ou dois. Ao chegar, estas pessoas recebiam roupas de homens. Se homens trans fossem recebidos receberiam roupas femininas, mas não conheci nenhum caso. Se os travestis vinham com roupas de mulher na mala, era tudo jogado fora. Cada pessoa que era atendida na missão (travestis, prostitutas, moradores e moradoras de rua) recebia tarefas: cozinha, lavanderia, rouparia, despensa, horta, capinar. Havia a instrução para os travestis não fazerem serviços femininos ou leves. Não podiam trabalhar na cozinha ou lavanderia, por exemplo. Não me lembro de nenhum travesti que tenha sido direcionado a trabalhos femininos. Os travestis eram enviados para trabalhos masculinos, como capinar, ir pra roça.⁴⁶

⁴³ EX-TRAVESTI B., *entrevista a Maranhão F°*, 2014.

⁴⁴ EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS D., *entrevista a Maranhão F°*, 2014.

⁴⁵ Idem, 2014.

⁴⁶ Idem, 2014.

Relatou um caso específico, de uma das pessoas com quem conversei e que preferiu o anonimato:

ele teve duas passagens pela fazenda. Na primeira ele era *gay* e trabalhou na cozinha e na despensa. Depois foi embora. E quando voltou, voltou como travesti. E aí teve tratamento diferenciado, fazendo trabalhos mais masculinos.⁴⁷

Perguntei se el@ sabia do passado religioso de alguma pessoa que residiu na fazenda.

nos momentos de aconselhamentos eles contavam suas histórias de como eles chegavam ali... lembro que de todos que vinham conversar comigo, praticamente 100% tiveram contato com igrejas pentecostais quando eram crianças. Nem todos tinham sofrido abuso sexual ou violência doméstica. Muitos nunca sofreram. Muitos se viam como pessoas que já estavam direcionadas para o inferno, não tinham mais esperança. Já se sentiam predestinados ao inferno. Quando eram questionados porque não iam à igreja, eles sempre diziam que eram discriminados e se sentiam muito pior na igreja do que se sentem normalmente. Quando chegavam na Fazenda, eles eram muito discriminados pelos próprios conviventes. Algumas prostitutas discriminavam. Mas principalmente os homens moradores de rua. Os travestis ficavam meio isolados, e se envolviam mais com outros ex-travestis.⁴⁸

Contou ainda que

nos cultos, eles choravam muito, eles se sensibilizavam muito. Eles tinham uma vontade muito grande de serem considerados normais. Eles se viam como uma abominação porque já vinham de um contexto de criação em igreja pentecostal de que isto é pecado, abominação. Quando iam pra uma casa de apoio, eles tentavam ser normais, se adequar ao sistema... mas lá dentro, eles percebem em pouquíssimo tempo que não é possível. Como eles percebiam que nunca seriam “normais” eles voltavam pra rua. E se jogavam nas drogas e na prostituição de cabeça, já que estavam predestinados ao inferno pois nunca iriam pro céu. Aí se entregavam de vez.⁴⁹

⁴⁷ Ibidem, 2014.

⁴⁸ Ibidem, 2014.

⁴⁹ Ibidem, 2014.

Completo: “eles não se sentiam incluídos na Fazenda. Não conseguiam se sentir nem mulher, nem travesti, e nem homem.”⁵⁰ Sobre a relação das travestis com @s missionários, evidenciou: “havia uma representação da parte deles, dos conviventes ou *alunos* como eram chamados. Eles tentavam agradar os missionários para obter favores, para fazerem trabalhos menos pesados, para sair pra visitar a família em alguma data especial...”⁵¹ Perguntei como ocorriam as saídas da fazenda.

eles podiam ir embora na hora que quisessem, mas de forma definitiva. Mas não podiam sair pra visitar alguém na hora que queriam. E uma hora cansa de representar. Uma hora a pessoa quer ser quem ela realmente é, a essência dela, e nesta hora ela vai embora... lá estas pessoas só entravam no esquema pra se adaptar e conviver. Era tudo temporário, não era nada definitivo. A documentação, RG, etc, ficava com o administrador da fazenda. Era devolvida na hora em que eles iam embora.⁵²

Imagem: Fazenda Nova Aurora em sua fundação, 1996 (*site* da CENA)

De acordo com el@, “fora o Rouvanny Moura, que fundou o ministério de travestis da SAL, não me lembro de nenhum que tenha continuado. Todos desistiram, geralmente em pouco tempo, por volta de três meses. Uns ficaram um pouco mais, mas também iam embora”.⁵³ Sobre o uso de nome masculino, el@ lembrou uma exceção:

⁵⁰ Ibidem, 2014.

⁵¹ Ibidem, 2014.

⁵² Ibidem, 2014.

⁵³ Ibidem, 2014.

tinha um travesti que eu e mais outr@ missionári@ chamávamos pelo nome feminino. Foi o único caso. Ele sempre falava com a gente no feminino, nunca teve nenhuma atitude masculina. Ele nunca se submeteu ao sistema.⁵⁴

E complementou: “existe uma inclusão relativa. Inclui a pessoa desde que ela se submeta a tudo que eles querem”.⁵⁵ Perguntada sobre como ocorre essa *inclusão relativa*, explicou que ela se dá *desde que* “revertam sua sexualidade e virem homem de novo”.⁵⁶ Tal “acolhimento” se dá exemplarmente na questão do auxílio na regularização de documentos, referentes ao registro inicial da pessoa e não ao registro do sexo/gênero de auto-identificação.

Ainda sobre a questão da documentação, uma das táticas de “inclusão” está na retenção dos documentos: de acordo com os relatos escutados, quando a pessoa “sobrante” é “acolhida” na Casa de Apoio ou na Fazenda Nova Aurora deve entregar os documentos, que ficam em poder d@s missionári@s durante o tempo em que a pessoa estivesse “internada” e só devolvidos caso a pessoa “fosse embora de vez”. Outra estratégia está na obrigatoriedade de se cortar bem rente ou de raspar o cabelo, se enunciar e ser chamada no masculino, vestir roupas “de homem” e fazer trabalhos considerados “de macho”, como “capinar e ir pra roça”.

Também sobre o contexto de “inclusão”, vale sublinhar que para duas ex-travestis entrevistadas, o local *serve sim* para recuperação, ainda que, para uma delas, a CENA *substituiria a sua cafetina*: os líderes da missão foram referidos como *cafetões evangélicos* – provavelmente, como outras pessoas ex-travestis me explicaram, isto se relacione com o fato de que muitas destas missões evangélicas recebem patrocínios e financiamentos de ministérios e de igrejas evangélicas estrangeiras. E semelhantemente, como outra ex-travesti me explicou, há espécie de substituição da adicção: “na rua tínhamos vício em bebida e pedra, ali tínhamos de nos viciar na doutrina deles”.⁵⁷

⁵⁴ Ibidem, 2014. Saliento que tanto na concepção da própria CENA como de ex-missionári@s, as pessoas travestis são referidas no masculino. @ ex-missionári@ enuncia “um travesti”, assim como no *site* da missão.

⁵⁵ Ibidem, 2014.

⁵⁶ Ibidem, 2014.

57 EX-TRAVESTI C., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

É plausível que tais pessoas buscassem ou aceitassem a “recuperação / resgate da heterossexualidade” e repudiassem o “homossexualismo” por serem, em grande parte dos casos, como mencionado, provenientes de lares cristãos mais conservadores e que rejeitassem identidades de gênero e/ou orientações sexuais/românticas não-hegemônicas.

Mas algo que também se destacou nas entrevistas, é que a maioria das travestis buscavam a CENA para se libertarem dos vícios do álcool e da droga mas, lá chegando, eram estimuladas a “curarem o homossexualismo”, especialmente através de terapias psicológicas e/ou psiquiátricas e de batalha espiritual, visto que “o homossexualismo” é entendido como causado por traumas e “consagrações ou pactos com o capeta”, e recorrentemente relacionado à religiões de matriz africana ou afro-brasileira. Outra coisa que se realçou é que a maioria das travestis que passaram pela CENA não permaneceram por lá por entenderem a doutrina acerca de gênero e sexualidade exageradamente autoritária.

Por “fim”, destaco que muitas destas pessoas, após passagem pela missão, referiam não se sentirem *nem travestis, nem ex-travestis, nem homens e nem mulheres*. Esta *situação não-binária* e de *não-lugar de gênero* era relatada por tais pessoas como bastante incômoda e angustiante visto não se encaixarem no dispositivo da cisheteronorma ou ideologia de gênesis. Cabe perguntar agora: em relação a este cenário, o que há de diferente em uma missão como a SAL?

SALgando a terra e matando leoa

Imagem: Missão SAL no Facebook

Como infere seu *site* oficial, a Missão *Salvação, Amor e Libertação* (SAL)

Tem por objetivo alcançar pessoas em situação de exclusão nos centros urbanos. Seu trabalho não está baseado no assistencialismo, mas em levar todos os que sofrem a verdadeira liberdade que está em Cristo Jesus. Fundada em 17 de setembro de 2007 na Cidade de Santo André, é o fruto do sonho de pessoas que acreditam no Resgate, Restauração e Reintegração do homem à sociedade através do evangelho integral.⁵⁸

Um@ ex-missionári@ relatou:

A SAL foi fundada em setembro em Santo André, aqui perto da estação Prefeito Saladino. É uma região que é próxima à boca de prostituição da Avenida Industrial, onde tão os caras que fazem ponto e mais prá cima dois bairros nobres da cidade. SAL é Salvação, Amor e Libertação, e foi com essa ideia que integrei esse exército de salvação. A gente atendia morador de rua, dependente químico, prostituta e principalmente os travestis da Industrial e da região toda. Era muita gente. A casa do Cappelletti chegou a ter uns quarenta caras morando, acho. A maioria travestis. Mas dava muita briga. Mas o Cappelletti era bem autoritário e controlava os caras. A maioria, pelo menos. Muitos ficavam um tempo e com desavença com o Paulo saíam fora. Muitos voltavam prá velha vida de droga e bebedeira.⁵⁹

Outr@ ex-missionári@ explicou:

Dizem que a SAL foi fundada pelo Paulo mas não foi assim. Pelo que sei Paulo não fundou a SAL sozinho. Foram dois casais. Ele e a mulher dele, Sílvia, e outro casal. Cada casal tinha uma casa de acolhida, as Casa Família. Mas o Escobar (outro fundador) e o Paulo tretaram e então o Escobar e a mulher dele abandonaram a missão. Rolava muita divergência ali.⁶⁰

O *site* comenta sobre seus principais alvos: “as pessoas atendidas pela missão são na maioria moradores de rua e profissionais do sexo (travestis e prostitutas)”, e apresenta uma das alternativas para tirar tais pessoas da rua:

⁵⁸ Quem somos. *Site* da SAL, 2016.

⁵⁹ EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS E., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

⁶⁰ EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS F., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

atualmente as pessoas interessadas têm na casa Comunidade Nova Chance uma oportunidade de transformação e mudança. A casa procura ser família com eles através do convívio e do amor que há em Cristo Jesus. Hoje residem mais de 30 pessoas na CNC.⁶¹

A base atual de operações da SAL é chamada *Comunidade Nova Chance*, ficando no local de uma das antigas Casas Família, que era comandada por um casal de missionários, e que tem menor capacidade de acolhimento. Nesta moram missionários e pessoas acolhidas, tendo durante o dia a companhia de Cappelletti e de sua família. Na época de minha pesquisa (2014) moravam três pessoas que já se identificaram anteriormente travestis, e cerca de 7 pessoas que tiveram problemas com dependência química. Entretanto, circulam diariamente pela casa diversas travestis e algumas ex-travestis que fizeram parte de processos de recuperação na casa, e/ou que participam do café-da-manhã ou demais refeições comunitárias preparadas pelo morador. Perguntei a Cappelletti como tinha surgido a ideia dele trabalhar com travestis:

A gente tinha aqui 15 adolescentes que moravam com a gente, a gente tinha oito travestis, dois assassinos, a gente tinha traficante, drogado, prostituta, tudo morando junto. Isso na época da CENA. Começou que a gente tava deixando os travestis na comunidade, tava deixando dentro da igreja da CENA que eu ajudei a implantar. Aí o que eu fiz: como eu abri a casa eu levei todos eles pra morar comigo. Era eu e minha esposa e uma mina que era missionária. Foi assim: foi indo pra comunidade, eles queriam sair, a gente colocava eles dentro da igreja, aí quando decidi abrir a casa, eu decidi: não vou deixar os caras na igreja, eu vou levar ele pra dentro da minha casa, não foi uma coisa que foi planejada e tal, foi na hora, porque a gente não queria deixar os caras dormindo lá atrás da comunidade. Na primeira vez vieram quatro, aí depois chegou mais quatro na minha casa. Não era um ministério só de travestis. O Rouvanny que trabalha com os travestis hoje em dia.⁶²

A SAL está em fase de ampliação para uma casa maior em Itaquaquecetuba: a intenção é ampliar ao menos três vezes a capacidade atual de acolhimento que se encontra bem reduzida. A casa atual, que foi descrita por um missionário como provisória por atender a um

⁶¹ Quem somos. Site da SAL, 2016.

⁶² CAPPELLETTI, entrevista a *Maranhão F°*, 2014.

número reduzido de “sobrantes” – como el@ se referiu – é um sobrado que possui uma sala, uma cozinha e uma área externa em que funciona um bazar que vende peças vindas de doações de igrejas e pessoas físicas. Na parte superior da casa há uma suíte e dois quartos em que moram os acolhidos. À época de minha observação o casal Cappelletti e sua família estavam residindo em uma outra casa, na mesma rua, em que funciona a editora de Cappelletti, a *Academia Cristã*. Na parte de cima do bazar moram dois missionários que são identificados na casa como ex-travestis.

Cappelletti me explicou que o lema da SAL é “resgatar, restaurar e reintegrar as pessoas para uma vida digna”, e que a convivência nem sempre é fácil: “dá prá ver Deus e o diabo na casa no dia-a-dia”, mas que é na convivência cotidiana que @s morador@s da casa – sua família, missionári@s e acolhid@s – aprendem a compartilhar as coisas e seguir Jesus.⁶³ A casa foi analisada em 2013 por Rejane Gama. Para a mesma,

convivência é a metodologia utilizada como base da ação pastoral da Missão SAL, apesar de sua aplicação ainda enfrentar as tensões pertinentes a uma mudança de mentalidade na própria concepção de missão atual. Foi possível verificar que estão presentes na convivência da casa, os dois paradigmas da missão que influenciam sua prática pastoral. Por um lado, a compreensão que se tem da metodologia de ação pastoral é de que esta deve ser pautada no diálogo e na igualdade, mas por outro lado, atitudes de superioridade e de submissão são constantemente notadas na convivência diária. Os acolhidos, por sua vez, também estão aprendendo a manifestar sua “voz”, uma vez que sempre foram impedidos de falar e ensinados que sua opinião não era importante, aprenderam a se ver sempre como inferiores e dependentes da assistência de outros. Trata-se, assim, de uma libertação mútua, que não é um processo simples e instantâneo, mas que, se perseguido, encontra bons resultados quanto à emancipação de ambos os sujeitos – acolhedor e acolhido.⁶⁴

Gama conclui que

⁶³ Idem, 2014.

⁶⁴ GAMA, Rejane. “O que queres que eu te faça?” – Em busca de uma metodologia da convivência na ação pastoral para a população sobrando dos centros urbanos: estudo de caso da Missão SAL em Santo André. Orientação de Sandra Duarte de Souza. Dissertação em Ciências da Religião apresentada à UMESP, São Bernardo do Campo, 2013, p. 93.

a mudança de hábitos pastorais de superioridade do agente é um dos grandes desafios a serem enfrentados para o avanço no acolhimento dos sobranes da cidade, para inclui-los no processo de ação pastoral como sujeitos ativos de seu processo de autonomia.⁶⁵

Para a autora, a SAL é uma casa de acolhida com desafios a enfrentar afim de se aperfeiçoar na acolhida de pessoas *sobranes* que devem ser libertas de vícios diversos: ao que parece, dentre eles, o da homossexualidade que supostamente caracterizaria as pessoas travestis.

@s missionári@s da casa trabalham na mesma em três vertentes: na área que compreende a Avenida Industrial, a Praça do Carmo e adjacências; no trabalho de evangelismo com travestis e mulheres que se prostituem na Cracolândia de São Paulo e numa comunidade do bairro Utinga de Santo André, neste caso, num trabalho com crianças e adolescentes carentes. Em relação ao público dos dois primeiros locais, muitas destas pessoas visitam a SAL. As que passam na triagem para moradia devem se submeter a algumas condições. No caso das travestis, devem se abster de álcool e drogas, não saírem para se prostituir, viverem em celibato e adequarem-se à essência masculina esperada a elas, iniciando pelo corte de cabelo bem rente, uso de vestimentas masculinas, do nome de batismo, e de um comportamento "masculino" que segundo um morador deveria ir desde o tom de voz até o modo de se sentar. Há devocionais diários com leituras da Bíblia, dois cultos semanais, domingo pela manhã e quarta à noite, através de uma igreja parceira, a Comunidade Evangélica Livre. Quando visitei a casa, moravam na mesma três pessoas que foram referidas pel@s missionári@s como ex-travestis ou *ex-travecos*. Uma destas pessoas estava hospitalizada na época. Outra, com quem conversei superficialmente, é considerado na casa um *sobran* acolhido e candidato a missionário.

O outro foi Rouvanny Moura, mencionado acima na entrevista com Cappelletti. Rouvanny atualmente é o responsável pela organização da casa na ausência de Cappelletti e fundador de um ministério – por enquanto anônimo – especializado na *conversão* de travestis.⁶⁶ Rouvanny é considerado missionário pela SAL desde 2012, e convive com

⁶⁵ Idem, 2013.

⁶⁶ Apesar da família de Cappelletti dormir em outra residência, eles circulam boa parte do dia pela casa. Contando com est@s, @s missionári@s e @s acolhid@s, a casa conta com cerca de 20 morador@s. Foi a convite de Rouvanny Moura e de Paulo Cappelletti que conheci o AcampaMona (atualmente Acampamina), acampamento de "cura" de travestis, em agosto de 2014.

a família Cappelletti há quase doze anos. Conheceu o *Pastor Macarrão* quando este ainda era líder da CENA, morou na Fazenda Nova Aurora em Juquitiba e, posteriormente, na Casa Família coordenada por Cappelletti. Acompanhou a família deste quando o mesmo saiu da CENA e foi aprendendo a fazer serviços “masculinos” no meio tempo entre a saída de Cappelletti da CENA e a fundação da SAL, como mexer com fiação elétrica e serviços de pintura.

Ainda que referido na casa como ex-travesti e *ex-traveco*, à época das entrevistas que realizei com Rouvanny, ele relatou não ser *nem* ex-travesti e *nem* travesti, visto ter de matar a travesti que mora dentro dele diariamente: “a Dibelém (apelido utilizado quando se declarava travesti) morreu mas carrego todo dia ela no caixão: é como no AA, não posso deixar ela se levantar de novo”.⁶⁷

Durante a entrevista com Cappelletti, um@ missionári@ entrevistou: “o travesti tá enterrado ali, mas a qualquer momento ele pode sair também”, ao que Cappelletti retomou: “eu acho que nem enterrado, eu acho que é como deixar droga, vai livrando aos poucos”. Indaguei se tinha algo a ver com o sistema dos Alcoolicos e Narcóticos Anônimos do *só por um dia*:

Não, não tem nada a ver. o que eu sempre falo pra todo mundo é que minha casa não é solução pra todo mundo, minha casa é solução pra alguns, eu acho que todas as instituições que estão no Brasil, em São Paulo, ou em qualquer lugar, cara, é solução pra alguns, não pra todo mundo, não importa o tamanho da entidade, ela pode ser gigantesca, tem solução pra alguns, não para todo mundo. ⁶⁸

Mas esta não é uma opinião unânime. Semelhantemente @o missionári@ que narrou “sim, é parecido com o AA, sim. É matar um leão por dia. Ou uma leoa, como eles acham né?”.⁶⁹ Outr@ missionári@ complementou: “Tem tudo a ver com o AA. Tem que derrubar o espírito que aprisiona o traveco, todo dia. A gente sabe que são demônios e potestades”, complementando: “mas o pessoal não aguenta muito tempo, a rua chama os caras, é o dinheiro, o *glamour*, as drogas e o sexo”.⁷⁰

⁶⁷ MOURA, entrevista a Maranhão Fº, 2014. Ver também: Maranhão Fº, 2017b.

⁶⁸ CAPPELLETTI, entrevista a Maranhão Fº, 2014.

⁶⁹ MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS A., entrevista a Maranhão Fº, 2014.

⁷⁰ MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS B., entrevista a Maranhão Fº, 2014.

Um@ ex-missionári@ contou, semelhantemente, que “a rotatividade era muito grande, sempre teve muitos travestis na casa”, e que o vínculo se estabelecia entre garrafas de tubaína num bar próximo:

nem todos moravam lá. Muitos vinham prá comer e depois iam embora. A Casa da SAL já era conhecida no bairro pois anteriormente era a Casa Família da CENA. Então eles já tinham a liberdade de entrar e sair sem nenhum problema, a casa sempre estava aberta. Sempre teve muitos travestis, pois a casa fica bem perto da Avenida Industrial, que é ponto de prostituição deles. A maior parte das pessoas eram travestis. O evangelismo era feito à noite nas sextas-feiras. Os demais missionários sempre iam. Tinha um bar, da Marli, que depois do evangelismo os missionários iam lá e sentavam com os travestis e a Marli servia tubaína prá todo mundo. E assim se criava um vínculo com eles. Tubaína porque não era alcóólico e era mais barato, e não se queria que os travestis bebessem. Apareciam travestis na SAL de toda idade, desde menino de 17 anos até os que estavam em fim de carreira. Alguns procuravam apenas uma ajuda momentânea, como banho e comida. Outros queriam morar e fazer cirurgia prá retirar silicone industrial.⁷¹

Outr@ missionári@ reforçou acerca da rotatividade:

como a gente sabia que a rotatividade era muito grande a gente falava das regras quando eles entravam: “se você quiser morar aqui, você vai cortar o cabelo, se vestir como homem, ser chamado como homem e vai trabalhar”. Se eles se decidiam que queriam isto, então o cabelo já era cortado logo que entravam prá morar, com máquina, e recebiam roupas de homem. A maioria nem documento tinha. Na rua eles se prostituíam por muito pouco. Eram muito pobres. A maioria vinha do norte e nordeste com a promessa que iam ganhar dinheiro em São Paulo e iam prá casa de cafetinas (a maioria eram mulheres, não travestis). Alguns mal sabiam ler e escrever.⁷²

Acerca do sustento da casa, Rouvanny explicou:

a gente não fica só na oferta que vem de fora, nós também corremos atrás. Tem um pessoas ajuntando latinha. Com trufa, sabonete, bloco de livro, biscoito. Tudo isso levanta, entendeu? Não fica só esperando, nós

⁷¹ EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS F., *entrevista a Maranhão F°*, 2014.

⁷² EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS E., *entrevista a Maranhão F°*, 2014.

também corremos atrás fazendo alguma coisa para a vontade dEle. Um dos projetos é levantar uma igreja e construir uma casa.⁷³

Um@ ex-missionári@ também falou sobre o sustento da casa: “eles trabalhavam como todos, na casa. Mas tinham de pagar uma taxa prá morar na casa. Na época era R\$ 250. Eles conseguiam este dinheiro trabalhando com a venda das latas. Teve uma época que todo pessoal vendia cocada, catava lata. Missionário, travesti...”⁷⁴ E acrescentou:

a maioria vai embora. O número dos que tem uma *salvação, amor e libertação* é muito pequeno. A maioria recebe fragmentos disto aí. Acho que isto serve com todos que passam pela SAL. O que quero dizer é que quando uma missão se propõe a ter isto como um objetivo final, isto deve acontecer por inteiro. A proposta é *salvação, amor e libertação*. Mas vai *salvar* do que? Do inferno terreno? Do inferno do porvir? O que é salvar? E *amor* é incondicional, e se ele é incondicional não precisa mudar alguém prá amar. A pessoa vai ser amada do jeito que for com sua luz e suas trevas, levando em conta toda sua história e contexto de vida. E *libertar* do que? Da homossexualidade? Da travestilidade? Da transexualidade? Estas coisas me fazem pensar que o que se recebia lá não era nem *salvação*, nem *amor*, nem *libertação*. Era um teto, roupa, comida e uma transformação de aparência.⁷⁵

Semelhantemente, outr@ ex-missionári@ contou:

A ideia é maravilhosa, com este contexto de graça e inclusão, mas o que tem por trás de tudo isto é *diabólico*. Diabólico no caso do trabalho com travestis, por que eles, evangélicos, entendem que ser travesti é um pecado, um transtorno psicológico, um vício, e que eles têm a solução para o que é correto. Eles têm a verdade quase que absoluta.⁷⁶

@ ex-missionári@ finalizou: “na época eu acreditava no que eles explicavam, que era uma mistura de fatores: emocional, abuso familiar, abuso sexual, causas espirituais, psicológicas, mas hoje não creio em mais nada disto”.⁷⁷ Por sua vez, um@ missionári@ explicou o que seria

⁷³ MOURA, entrevista a Maranhão Fº, 2014.

⁷⁴ EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS E., entrevista a Maranhão Fº, 2014.

⁷⁵ Idem, 2014.

⁷⁶ EX-MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS A., entrevista a Maranhão Fº, 2014.

⁷⁷ Idem, 2014.

a ideologia de gênero, de alguma forma vinculando a uma ideologia de gênese:

A polêmica sobre ideologia de gênero não tem nada de mais. Foi uma proposta que o Feliciano divulgou muito. Ideologia de gênero é abominação perante os olhos de Deus. Deus criou macho e fêmea e a ideologia de gênero quer colocar que as crianças podem se tornar homossexuais, mudar de sexo, ir no banheiro que quiserem. É contra as vontades de Deus.⁷⁸

Ideologia de gênese na CENA e SAL

Como vemos na última narrativa, há um entrelaçamento entre a (fantasiosa e falaciosa) concepção de ideologia de gênero (sofisma que visa aniquilar os necessários diálogos acerca de igualdade e justiça de gênero) e uma ideologia de gênese que entende que *Deus criou macho e fêmea* e que outras trilhas de gênero são caminhos de perdição.⁷⁹

Além disso, os relatos acima sinalizam para as concepções teológicas / generificadas / sexuais das duas missões, dando substratos superficiais para respondermos a uma pergunta inicial: o que há de *diferente* entre ambas? Uma diferença notável é a de que no *Ministério com Travestis* da CENA a liderança era de homens cisgêneros, enquanto na SAL quem protagoniza a chefia do ministério anônimo com travestis é Rouvanny Moura. À época da entrevista Moura - que havia sido travesti - explicou que não se identifica nem como homem cis, nem como ex-travesti. Observou que a travesti que ele foi está diariamente com ele: no caixão, ele a carrega para todo o canto e precisa atentar para que ela não se levante e o importune.⁸⁰

Entretanto, mais que diferenças, há semelhanças entre as missões. Ambos os *sites* referem que travestis estão entre as principais pessoas atendidas e que a Cracolândia é um dos alvos estratégicos majoritários. Além disto, as táticas de aproximação envolvem fazer amizade e conquistar a confiança, por vezes, servindo rodadas de tubaína em bares próximos a áreas de prostituição. As táticas da raspagem ou corte de cabelo rente, do uso do nome de registro e de roupas masculinas e da

⁷⁸ MISSIONÁRI@ DE "CURA" DE TRAVESTIS A., *entrevista a Maranhão F°*, 2014.

⁷⁹ Comentarei mais aprofundadamente as relações entre ideologia de gênese e ideologia de gênero em textos futuros.

⁸⁰ Uma análise mais robusta sobre ambas as missões provavelmente detectaria outras diferenças substanciais entre elas.

retenção de documentos (ao menos na Fazenda de Juquitiba, da SAL), também foram contadas nas entrevistas. Os discursos acerca da travestilidade, ex-travestilidade e outras situações generificadas na CENA e na SAL são bastante similares. Talvez isto ocorra porque a CENA seja espécie de “pré-SAL”, ou a base para que a SAL eclodisse – ainda que não haja no *site* de ambas quaisquer referências à missão “concorrente”.

As concepções teológicas de ambas as missões caracterizam-se por uma *teologia cishet-psi-spi*⁸¹ marcada pela abjeção das identidades / subjetividades / sensibilidades de gênero e orientações sexuais e românticas não-hegemônicas conjugada com pressupostos das áreas psi e da batalha espiritual necessária para a suposta “cura” dessas pessoas - sujeitas nestes ambientes a processos de patologização / psiquiatrização, judicialização, demonização e *pecadologização*⁸² através de discursos associados a um amplo conjunto de textos bíblicos compreendidos de modo falacioso e descontextualizado sócio-historicamente (e que supostamente falam acerca das homossexualidades, como Gênesis 19.1-11;⁸³

⁸¹ Em âmbito cristão brasileiro, tal teologia poderia ser chamada de “tradicional”, termo que pode ser entendido entre aspas visto que há múltiplas tradições teológicas cristãs ou “conservadora”. É importante realçar que muitas são as formas de conservadorismo religioso. Comentei certa vez sobre a Bola de Neve Church, parodiando verso bíblico, que há ministérios que remetem a *vinhos velhos em odres novos*, ou que apresentam “novas” roupagens para discursos tradicionais, por vezes reacionários (MARANHÃO Fº, 2013).

⁸² O termo *pecadologização* refere-se à um tipo de discurso que visa normalizar/normatizar, descrever/prescrever dados comportamentos humanos como sendo *pecados, desrespeitosos ou afrontosos* a Deus. Tal classificação/rotulação se dá, muitas vezes, de modo análogo aos processos de *patologização*, daí a inspiração desse termo para pensar naquele. O termo foi cunhado por mim (assim como *despecadologização*) e utilizado pela primeira vez em artigo sobre retificação de prenome e uso do nome social para travestis e transexuais (2012).

⁸³ Destaco o verso 5: “Chamaram Ló e lhe disseram: “Onde estão os homens que vieram para tua casa esta noite? Traze-os para que deles abusemos” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 57). Lembro que qualquer verso bíblico é suscetível a interpretações diversas – aliás, é possível que toda tradução possa ser considerada potencialmente uma interpretação, vista a dificuldade ou a impossibilidade – às vezes – da tradução literal de um termo de um idioma para outro. @ tradutor@, assim, por este e outros motivos, é levad@ a não só interpretar mas hierarquizar termos equivalentes e selecionar o mais adequado, e toda interpretação, hierarquização e seleção ocorrem conectadas a concepções ideológicas, culturais, políticas, religiosas, etc., o que pode levar @ tradutor@ a omitir, anular e alterar – ainda que sem perceber – sentidos e significados originais do texto a ser traduzido.

Levítico 18.22;⁸⁴ Levítico 20.13;⁸⁵ Romanos 1.26-27⁸⁶ e 1 Coríntios 6.9-10)⁸⁷ e das transgeneridades (Deuteronômio 22:5).⁸⁸

Pessoas relacionadas a ambas as missões evangélicas narraram histórias acerca de *entre-lugares* (Homi BHABHA, 2001) e *não-lugares* (AUGÉ, 2005) *identitários / subjetivos de gênero*. Uma pessoa que participava do *AcampaMona*⁸⁹ da SAL comentou:

olha pra mim. O que eu sou? Não sou homem, não sou mulher, não sou travesti, nem ex-travesti. Eu sou um monstro (...) você acha que Jesus me aceita no céu deste jeito? Todo deformado? Eu deformei meu corpo então deformei minha alma.⁹⁰

"Deformar a alma por ter "deformado" o corpo" é algo pregado por pessoas que atuam com "cura, restauração e libertação" de gente trans e gente não-hétero e que reverbera na (re/des)construção subjetiva de muitas destas pessoas. Estas deixam de acreditar que possuem um determinado "gênero" binário, não se considerando nem homens e nem mulheres, também não se identificando nem como travestis (um possível entre-lugar de gênero) e nem como ex-travestis (o que possivelmente as vincularia com a masculinidade cisgênera). Percebem-se como aberrações que, tendo transgredido os limites do corpo criado por Deus, tornam-se *personae non gratae* no Paraíso, demonstrando sensíveis movimentos subjetivos de *autoinvalidação do crer generi-*

⁸⁴ "Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação" (idem, 2002).

⁸⁵ "O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação; deverão morrer; e o seu sangue cairá sobre eles" (ibidem, 2002, p. 189).

⁸⁶ "Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes: suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga da sua aberração" (ibidem, 2002, p. 1967).

⁸⁷ "Então não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os devassos, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus". (Ibidem, 2002, p. 1999). Como quem lê o texto deve ter percebido, não há nesta tradução nenhuma alusão à homossexualidade. Mas em outras há o termo "efeminados", por exemplo.

⁸⁸ "A mulher não deverá usar um artigo masculino, e nem o homem se vestirá com roupas de mulher, pois quem age assim é abominável a Iahweh teu Deus".

⁸⁹ Acampamento de "cura, libertação e restauração" de travestis realizado em Jacareí, em agosto de 2014, em que realizei parte de meu campo, o AcampaMona é atualmente designado *Acampamina*. Publiquei sobre o AcampaMona anteriormente (2014, 2017a).

⁹⁰ EX-TRAVESTI D., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

ficado. Tal regime de auto*invalidação* de gênero se relaciona com a deslegitimação e descrédito proveniente de seus pares em “casas e fazenda de apoio” (pessoas missionárias e pessoas “sobrantes”, por exemplo) e das próprias instituições. Há, dessa forma, um *mix* entre auto*invalidação*, *invalidação* comunitária e *invalidação* institucional do crer generificado - o que fundamenta o dispositivo da cisheteronorma que comunga com a ideologia de gênese.

O Ministério com Travestis da CENA, que foi co-comandado por Paulo Cappelletti e o ministério anônimo da SAL (que também tem as travestis como público-alvo e é gerenciado por Moura com apoio de Cappelletti)⁹¹ parecem trazer algo de novo no *front* religioso contemporâneo: enquanto há muitas missões evangélicas “especializadas” na “cura do homossexualismo”, poucas são as direcionadas à cura de travestis como um nicho de mercado específico. Um olhar desavisado poderia inclusive suscitar a ideia de que tais ministérios se assemelhariam a um *novo movimento religioso* (NMR). Silas Guerriero conceitua os NMRs⁹² da seguinte forma:

podemos inserir todos os grupos espirituais que são claramente novos em relação às correntes religiosas tradicionais da cultura abrangente e possuem um grau de organização característico de um grupo religioso formal (...) Isso não quer dizer que não guardem qualquer tipo de relação com as religiões estabelecidas. Em outras palavras, não há necessariamente uma independência diante das visões religiosas dominantes. Podemos incluir, também, os movimentos espiritualistas que de alguma maneira rejeitam as religiões tradicionais.⁹³

Se por um lado as missões de “cura” de travestis tem uma segmentação de público mais restrita que a dos ministérios “especializados” em pessoas homossexuais em geral - e por isso podem aparentar serem “novidades” no campo e mercado religioso - é importante frisar seu discurso tradicional, conservador e fundamentalista acerca de gênero e sexualidade que alude a um *velho movimento não só religioso* como

⁹¹ Analiso aqui dois ministérios que tem como nicho mercadológico específico as travestis - mas possivelmente há outros espalhados pelo país.

⁹² Além de Guerriero, ver também: Elisa Rodrigues, 2009, e José Luiz Borau, 2008.

⁹³ GUERRIERO, Silas. *Novos Movimentos Religiosos: O quadro brasileiro*. Temas do Ensino Religioso. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 39.

generificado e sexual. Parodiando verso bíblico, trata-se de *vinho velho em odres novos* ou de "nova" roupagem para um discurso evangélico tradicional, marcado por homofobia e transfobia religiosa.

Como notado por Maria das Dores Campos Machado ao comentar sobre as controvérsias relacionadas às relações de gênero e sexualidade no pentecostalismo brasileiro, "os setores mais tradicionalistas continuam resistindo ao diálogo seja com o ideário feminista seja com a apropriação das feministas e dos homossexuais dos discursos dos direitos humanos"⁹⁴, e isso parece aplicável a missões como a CENA e a SAL. É possível dizer que, como observa Hugo Córdova Quero, fundamentado na *teoria queer* e na *teologia queer*, seja necessário *queerificar* as instituições religiosas⁹⁵, desestabilizando as noções pétreas de como as pessoas devem ser e se comportar subjetivamente em questões de gênero e de orientação sexual. Instituições como a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM),⁹⁶ por exemplo, tem investido no uso de uma *teologia queer dos Direitos Humanos* ou ainda do que chamam de *teologia cristãs*⁹⁷, que procura conectar cristianismo e transgeneridade, sinalizando a polissemia e heterogeneidade das igrejas evangélicas⁹⁸ em relação ao acolhimento de travestis e demais pessoas transgêneras. Assim, é importante fazer notar que o universo evangélico é um caleidoscópio e não um bloco homogêneo de concepções, poderes, dizeres e fazeres.

A CENA e a SAL se fundamentam em modos de subjetivação e regimes de validação e invalidação do crer generificado/religioso/sexual relacionados ao dispositivo da cisheterorma. Esse dispositivo se relaciona a uma ideologia de gênese que crê que há somente dois

⁹⁴ MACHADO, Maria das Dores Campos. Controvérsias sobre as relações de gênero e sexualidade no campo pentecostal brasileiro. In: ROSADO, Maria José. *Gênero, feminismo e religião*: Sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro: Garamond, 2015, p. 173.

⁹⁵ QUERO, Hugo Córdova. Queerificando nuestro contexto latino-americano desde las teologías queer. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (orgs.). *História, saúde e direitos*: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2016, p. 221.

⁹⁶ Sobre a ICM: Ler por exemplo NATIVIDADE, 2008; WEISS DE JESUS, 2012; MARANHÃO F, 2014, 2015; SILVA, 2013.

⁹⁷ Sobre o assunto: MARANHÃO F, 2016c.

⁹⁸ Vale realçar que a ICM se anuncia como evangélica em alguns momentos e em outros, como cristã, visto imbricarem elementos do catolicismo em seus rituais.

sexos concebidos por Deus (masculino e feminino), devidamente hierarquizados a partir das ideias de que a mulher veio da costela do homem (Gênesis 2:22; 1 Coríntios 11:9) e de que esse é “o cabeça da relação” (Efésios 5:23; 1 Coríntios 11:3). Versos como esses, lidos *ipsis litteris* de modo descontextualizado sócio-historicamente, podem dar base ao machismo religioso e à transfobia religiosa. Ler ao pé da letra Deuteronômio 22:5 (“A mulher não deverá usar um artigo masculino, e nem o homem se vestirá com roupas de mulher, pois quem age assim é abominável a Iahweh teu Deus”) pode fomentar a ideia recorrente de missões de “cura, restauração e libertação” de que “deve-se matar um leão ou leoa por dia” separando “o joio do trigo” e soterrando qualquer indício do “velho homem” ou da “velha travesti” para fazer *renascer* um *varão ungido*, alguém que se enquadra no padrão cisheteronormativo, ou seja, um homem cisgênero e heterossexual.

Mas quais são os múltiplos (d)efeitos possíveis dessas concepções? Em uma roda de conversas durante o Acampamona (MARANHÃO F^o, 2017a), uma pessoa que não conseguia mais identificar seu gênero (ela me perguntava “quem eu sou? não sou mais travesti, não sou mulher, não sou homem. Quem eu sou?”) comentava com uma senhora de idade, transexual e que fez a cirurgia de redesignação sexual no final da década de 1970 em Casablanca, Marrocos: “você acha que você vai pro Céu assim desse jeito? Você tirou o piroco, e agora, como você vai restaurar seu corpo e ser aceita por Jesus?”. A noção recorrente em missões que dizem “curar, restaurar e libertar” gênero e sexualidade é a de que as mudanças no corpo *afetam e deformam* a alma feita por Deus. E quais seriam os impactos subjetivos a uma pessoa que crê que não será salva pois “deformou” seu corpo e assim sua alma? Quais as formas de morte metafórica e literal podem vir disso?⁹⁹ Não respondendo tais questões por ora, deixo ainda outra pergunta: Seria a ideologia de gênesis a verdadeira ideologia de gênero?

Considerações *inconclusivas*

A ideologia de gênesis concebe que há *somente dois caminhos de gênero* possíveis para a pessoa ser aceita no Céu por Jesus e que

⁹⁹ Comentário sobre isso em: 2014, 2017b.

"fora da cisgeneridade não há salvação". Lembrando Saffioti, gênero "carrega uma dose apreciável de ideologia"¹⁰⁰: a ideologia patriarcal que promove a opressão masculina sobre as mulheres. Neste sentido é possível pensarmos que ao procurar validar a existência de duas únicas possibilidades legítimas de gênero (o masculino e o feminino, o primeiro englobando o segundo), a ideologia de gênese atua exercendo a verdadeira "ideologia de gênero": *institui ideologicamente que há somente dois gêneros criados e devidamente hierarquizados de forma patriarcal por Deus*. Qualquer caminho de gênero que não estiver em conformidade com a ideologia de gênese - sagrada auxiliar do dispositivo da cisheteronorma - é considerado *abominável aos olhos do Senhor* e socialmente indigno de legitimidade e credibilidade.

Passando para o *apocalipse* ou momentos finais deste texto, é certo que o mesmo poderia ter adensado tais reflexões bem como outras acerca das concepções teológicas / sexuais / generificadas da CENA e da SAL.¹⁰¹ Estimulo, entretanto, que novas pesquisas contribuam para a questão, sempre visando um mundo mais afetuoso, acolhedor e justo a todas as pessoas independentemente de suas identidades / subjetividades / sensibilidades de gênero e religiosas, orientações sexuais e afetivas ou quaisquer outros marcadores subjetivos.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: 90 Graus, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BORAU, José Luiz Vazquez. **Os novos movimentos religiosos** (Nova Era, Ocultismo e Satanismo). Lisboa: Paulus, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas** (o que falar quer dizer). São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

¹⁰⁰ SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 136.

¹⁰¹ Complementando parcialmente essa pesquisa, publiquei anteriormente algumas considerações a partir de análise do meu campo no AcampaMona (2014, 2017a) e do impacto de alguns discursos evangélicos na (re/des) construção subjetiva de pessoas transgêneras (2014, 2017b).

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**. Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COELHO, Fernanda Marina Feitosa; SANTOS, Naira Pinheiro dos. A mobilização católica contra a “ideologia de gênero” nas tramitações do Plano Nacional de Educação brasileiro. **Religare**, vol. 13, n. 1, p. 27-48, 2016.

COELHO, Fernanda Marina Feitosa. Ideologia de gênero: os porquês e suas consequências no contexto do plano nacional de educação Brasileiro 2014-2024. **Mandrágora**, v.23. n. 2, p. 247-279, 2017.

_____. Ideologia de gênero – origens e consagração no Brasil. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; SAEZ, Oscar Calavia (Orgs.) **ANAIS do II Simpósio Internacional da ABHR, XV Simpósio Nacional da ABHR**. História, gênero e religião: Violências e Direitos Humanos. UFSC, Florianópolis, SC, 2016.

_____. **“Menino já nasce menino, menina já nasce menina”**: Fobia religiosa de gênero e suas implicações no debate sobre o Plano Nacional de Educação brasileiro no período de 2012-2014. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metropolitana de São Paulo. São Paulo, 2017.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: DELEUZE, Gilles, et al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.

DIAS, Tainah Biela. A defesa da *família tradicional* e a perpetuação dos papéis de gênero *naturalizados*. **Mandrágora**, v.23, n.1, p. 49-70, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol. 1**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.

GAMA, Rejane. **“O que queres que eu te faça?”** – Em busca de uma metodologia da convivência na ação pastoral para a população sobrando dos centros urbanos: estudo de caso da Missão SAL em Santo André. Orientação de Sandra Duarte de Souza. Dissertação em Ciências da Religião apresentada à UMESP, São Bernardo do Campo, 2013.

GARBAGNOLI, Sara; PREARO, Massimo. *La croisade “anti-genre”*. Du Vatican aux manifs pour tous. Paris, Textuel, Coll. **Petiteencyclopédie critique**, 128 p., 2017.

GUERRIERO, Silas. **Novos Movimentos Religiosos**: O quadro brasileiro. Temas do Ensino Religioso. São Paulo: Paulinas, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 342 p., 2014.

QUERO, Hugo Córdova. Queerificando nuestro contexto latino-americano desde las teologías queer. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (orgs.). **História, saúde e direitos**: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2016.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Controvérsias sobre as relações de gênero e sexualidade no campo pentecostal brasileiro. In: ROSADO, Maria José. **Gênero, feminismo e religião**: Sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Acampa, mona, que este é o Caminho: (Re/des) fazendo gênero em um acampamento de "cura" de travestis. **Paralellus**, v.8, n.17, pp. 117-151, 2017a.

_____. **A grande onda vai te pegar**: marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

_____. "A travesti morreu, mas carrego ela no caixão" e outras histórias vivas: conversão, transfobia religiosa e morte. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 10, n. 9, p. 165-216, 2017b.

_____. "Me adiciona? / pode entrevistar pelo Facebook?": (Re/des) conectando procedimentos operacionais através de etnografia, história oral e observação ciborgues. **Poder & Cultura**, UFRJ, v.3, n.6, p. 263-287, 2016a.

_____. **A grande onda vai te pegar**: Marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

_____. A Pomba-gira Lady Gaga e a travesti indígena: (Re/des) fazendo gênero no Alto Rio Negro. **Mouseion** (UniLasalle), v. 22, p. 151-175, 2015a.

_____. "Educar corretamente evitando aberrações": discursos punitivos / discriminatórios sobre homossexualidades e transgeneridades. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 12, p. 187-200, jan./jun. 2015b.

_____. "É prá baixar o porrete!" Notas iniciais sobre discursos punitivos- discriminatórios acerca das homossexualidades e transgeneridades. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, v. 21, n. 21, p. 47-87, 2015c.

_____. **(Re/des)conectando gênero e religião**. Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

_____. Sai desse corpo que esse caminho não te pertence! Pessoas trans* e ex-trans* em (re/des)caminhos de gênero, corpo e alma. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VIII, n. 24, p. 197-219, 2016b.

_____. Teologia queer e cristans: Transições teológicas na Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). **Mandrágora**, v.22, n. 2, p. 149-193, 2016c.

_____. “Uma Igreja dos Direitos Humanos” onde “promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso e inveja é pecado”: Notas sobre a identidade religiosa da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). **Mandrágora**, v.21, n. 2, p. 5-37, 2015.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, p. 115-132, 2006.

_____. **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Orientação de Peter Fry. Tese em Antropologia apresentada ao PPGSA/UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educação & Sociedade*, vol. 38, núm. 138, 2017.

RODRIGUES, Elisa. A Emergência dos Novos Movimentos A Emergência dos Novos Movimentos Religiosos e suas Repercussões no Campo Religioso Brasileiro. **Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, v. 12, n. 1 e 2, Juiz de Fora, p. 45-58, 2009.

ROSADO-NUNES, Maria José Fontelas. A “ideologia de gênero” na discussão do PNE: a intervenção da hierarquia católica. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1237-1260, 2015.

_____. Gênero: uma questão incômoda para as religiões. In: SOUZA, Sandra Duarte de, SANTOS, Naira Pinheiro dos. **Estudos feministas e religião: Tendências e debates**. Curitiba: Editora Prismas, 2014, p.129-147.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Naira Pinheiro dos. “O privado é político”: família e situação de rua no contexto de atuação de instituições evangélicas de assistência social na região centro de São Paulo. **Estudos de Religião**, v. 30, n. 1, p. 165-188, 2016.

SILVA, Aramis Luis. Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo: o perfil de uma igreja inclusiva e militante. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.) **Anais do 1º Simpósio Internacional da ABHR / 1º Simpósio Sudeste da ABHR - Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas**. São Paulo, ABHR, 2013 (p. 1639-1652).

SOUZA, Odair de. **A construção do Plano Municipal de Educação no município de Paulo Lopes/SC e sua interface com a religião**. TCC (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola). Orientação de Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº. Programa de Pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 61, 2016.

_____, MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Gênero e Diversidade na Escola *ou* ideologia de gênero? Reações religiosas a um Plano Municipal de Educação de Santa Catarina. **Poder & Cultura**, v. 5, n. 9, p. 330-351, 2018.

SOUZA, Sandra Duarte de. "Não a ideologia de gênero!". A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. **Estudos de religião**. Vol. 28. nº 2, 2014.

SOUZA, Sandra Duarte de. "Não à ideologia de gênero!" A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; SÁEZ, Oscar Calavia (Orgs.). **História, Gênero e Religião: Violências e Direitos Humanos** (Vol. 1). Coleção ABHR. Florianópolis: ABHR / Fogo, 2018, p. 153-172.

WEISS DE JESUS, Fátima. **Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidade e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo**. Orientação de Miriam Pillar Grossi. Tese em Antropologia encaminhada à UFSC, Florianópolis, 2012.

ENTREVISTAS

CAPPELLETTI, Paulo. *Entrevista*. Santo André, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

EX-MISSIONÁRI@ DE "CURA" DE TRAVESTIS A., *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

EX-MISSIONÁRI@ DE "CURA" DE TRAVESTIS B., *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

EX-MISSIONÁRI@ DE "CURA" DE TRAVESTIS C., *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

EX-MISSIONÁRI@ DE "CURA" DE TRAVESTIS D., *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

EX-MISSIONÁRI@ DE "CURA" DE TRAVESTIS E., *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

EX-MISSIONÁRI@ DE "CURA" DE TRAVESTIS F., *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

EX-TRAVESTI A., *Entrevista*. Santo André, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

EX-TRAVESTI B., *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

EX-TRAVESTI C., *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

EX-TRAVESTI D., *Entrevista*. Jacareí, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS A., *Entrevista*. Jacareí, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

MISSIONÁRI@ DE “CURA” DE TRAVESTIS B., *Entrevista*. Santo André, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

MOURA, Rouvanny. *Entrevista*. Santo André, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº.

INTERNET

Ministério com Travestis. CENA. Disponível em: <<http://missaocena.com.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

Nossa missão. CENA. Disponível em: <<http://missaocena.com.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

Quem somos. SAL. Disponível em: <<http://www.missaosal.org.br/index.php/quem-somos>>. Acesso em: 05 fev. 2016.